

EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA

Constança Marcondes Cesar *

“La cogenèse des personnes dans l'émergence dialoguée du sens, voilà l'horizon imprescriptible de toute psychologie...”

(Gagey)

Episteme, em grego, significa conhecimento rigoroso, oposto à **doxa**, pura opinião. Por isso, quando se fala de epistemologia, estamos fazendo referência a essa busca da verdade, em psicologia, através da crítica de seus fundamentos. O campo é emergente e amplo; as contribuições para seu estudo procedem, hoje, das mais diversas orientações filosóficas. Todas elas, entretanto, têm um aspecto comum: é do conflito entre as concepções do homem, da pluralidade de abordagens ao fenômeno psicológico, que surge a necessidade da reflexão.

Jacques Gagey, diretor do Instituto de Ciências Humanas Clínicas da Universidade de Paris, tentou estabelecer, mediante uma análise espectral da psicologia, um modelo interpretativo histórico-crítico das correntes e escolas que esta ciência provocou, ao longo de sua constituição. O estudo em questão inscreve-se no âmbito da epistemologia histórica inspirada em Gaston Bachelard e na antropologia filosófica de fonte heideggeriana e fenomenológica.

De Bachelard, aceita, implicitamente, a noção de **história recorrente**, isto é, pretende compreender a história da psicologia a partir de um modelo epistemológico contemporâneo, que hierarquiza as demais contribuições; a categoria do **obstáculo epistemológico**, a partir da qual analisa o valor e os limites de cada um dos grandes eixos da pesquisa em psicologia. E ainda a tese de que a psicologia passa de um nível pré-científico ou selvagem, a um estado científico, através da crise e sucessão dos modelos epistemológicos, realizando um progresso do saber.

* Doutora em Filosofia, professora do Mestrado em Filosofia da PUCC.

De Heidegger, da fenomenologia, adota a compreensão do homem como um ser de relação, com o mundo e com os outros, bem como a apresentação dessa temática como o lugar privilegiado da pesquisa.

O fio condutor da reflexão de Gagey é a busca de uma coerência interna das muitas correntes psicológicas, encaradas não mais na pura sucessão cronológica, nem como um amontoado de pesquisas divergentes, mas "sob o ângulo da diversidade de seus respectivos estatutos epistemológicos, enquanto essa diversidade se inscreve numa estrutura (...) de uma estratificação interna da psicologia, em correspondência com as sucessivas emergências do Espírito científico" (1).

Para tanto, estudou as diversas abordagens da psicologia, inventariadas sob os nomes de: **psicologia selvagem, psicologia de tipo cartesiano, estado positivo, modelo biológico, epistemologia do padrão, psicologia do ser-com**, como níveis de aproximação ao objeto psicológico, resultantes de uma dialética sujeito-objeto, definida por intenções diversas. A compatibilidade entre estas perspectivas não está assegurada e este problema obriga o epistemólogo a uma escolha inicial: ou encarar a pluralidade como o sinal de um fracasso da razão em solucioná-la, ou reconhecer aí o indício da riqueza do real e buscar a possibilidade de uma unificação racional do saber.

Na filosofia, a multiplicidade de abordagens é sempre significativa; é um desafio para a razão e um sintoma de riqueza e fecundidade possíveis. Na psicologia, a pluralidade se apresenta, imediatamente, como incerteza e interrogação que põe em jogo o estatuto científico da disciplina.

A tarefa do epistemólogo, é torná-las complementares. Uma resposta "a priori" sobre o valor da psicologia não é possível; daí a necessidade da reflexão, que elucida a pluralidade dos dados obtidos pelas diversas orientações de pesquisa. A busca de coerência, em psicologia, deve ter como ponto de partida a aceitação dessa pluralidade. Não se trata de enumerar indefinidamente os campos de estudo, mas de enunciar uma hipótese que anule o pluralismo puro, hierarquizando as contribuições. Trata-se de "esclarecer o movimento da psicologia a partir dos dados atuais da história das ciências" (2). Esta se apresenta como uma tensão face a uma pré-história, à qual está dialeticamente vinculada.

(1) Jacques GAGEY, *Analyse Spectrale de la Psychologie*, Paris, Éditions Marcel Rivière et Cie., 1969.

(2) *Ibid.*, p. 24.

Vivo, eficaz, o pensamento pré-científico muda-se gradualmente em ciência, pela reflexão em torno da validade dos métodos utilizados. Por sua vez, o pensamento científico se constitui seguindo eixos estritos; como não lhe é possível explorar todas as possibilidades intuitivamente dadas na pré-ciência, apresenta-se como um empobrecimento da riqueza original da psicologia selvagem. O papel da epistemologia histórica seria o de tentar ultrapassar esse empobrecimento, atuando “como um prisma que faz aparecer, dispersando, os eixos da cientificidade” e “como o meio de articular e organizar esta pluralidade reconhecida” (3). Não é a continuidade que importa, na epistemologia histórica, mas a retomada, no tempo, das diversas escolas, promovendo um sentido e indicando a unidade a que conduzem. Assim encarada, a psicologia, como ciência, é constituída pela progressiva explicitação de projetos variados (4). “Uma hipótese surge então: ciência tardia, a psicologia constituiu-se assimilando (...) modelos científicos que outras disciplinas lhe propuseram, à medida que surgiram (...)” (5).

Deste modo, a história da psicologia está relacionada, para Gagey, a uma história mais geral: a do saber científico, cujas etapas engendraram, na psicologia, as diversas correntes de pesquisa.

Sob o nome de **psicologia selvagem**, Gagey designa os estudos intitulados de **caracteriologia**, fantástica das relações humanas, cujo fundamento epistemológico é o valor atribuído ao pensamento classificatório. Trata-se, aqui, de apoiar o discurso sobre os dados imediatos do nosso encontro com o outro: a escrita, a mão, a fisionomia (6). Em torno dos dados imediatos, sonha-se caracterizar o outro, desvendar a **priori** sua subjetividade. Entretanto, fundada em semelhanças e oposições rudimentares, a caracteriologia foi o primeiro obstáculo epistemológico da psicologia (7), na medida em que estruturou o conhecimento no imediato não criticado. A fantasia em torno do outro, contudo, tem um valor: multiplicando as possibilidades de acolhimento inter-humano, é ponto de partida para a investigação.

O impulso decisivo em direção a cientificidade, à psicologia recebeu da física matemática, através do pensamento cartesiano. O dualismo cartesiano conduziu à negação e à ruptura com a psicologia caracteriológica, através da filosofia do **cogito**, proposta como eixo de uma nova abordagem

(3) *Ibid.*, p. 27.

(4) *Ibid.*, p. 30.

(5) *Ibid.*,

(6) *Ibid.*, p. 41.

(7) *Ibid.*, p. 49.

epistemológica. Para Descartes, a realidade não possui verdadeira interioridade, é pura extensão. O eu, como subjetividade, não é passível de determinação positiva: é transcendência, apreensão imediata da correlação entre o pensar e o existir.

Sobre o fundo da epistemologia cartesiana, o associacionismo aparece, em psicologia, como uma tentativa de resumir a vida psicológica nas idéias, percepções, sentimentos: mundo autônomo em relação ao mundo físico, mas correlativo a este. Afirmando a importância da introspecção, descobre a realidade psíquica e busca suas leis. Tentando compreender o universo psíquico segundo o modelo geométrico da física, negligenciou a referência do psíquico ao vivido e ao sujeito; propôs, a partir do modelo da física, a existência dos átomos psíquicos, buscando, através de sua combinação, justificar a estrutura da consciência e do pensamento. "Sentimentos, idéias, desejos, vida cognitiva, vida afetiva, vida volitiva, são encarados como o produto de um dinamismo único, o da associação, assim como as realidades vegetais, animais, astronômicas e outras eram concebidas por Descartes como o produto de uma única lei de composição, a do movimento que anima as partículas da matéria-extensão" (8).

No mesmo campo epistemológico aberto pela epistemologia cartesiana, inscreve-se a reflexologia, a qual atingiu, contudo, alguma objetividade, tal como encontramos no condicionamento pavloviano. Esta objetividade fez-se, entretanto, à custa da negação da interioridade.

O obstáculo epistemológico ao qual o associacionismo aparece vinculado reside na hipervalorização estética da introspecção, da vida interior. Por outro lado, tanto o associacionismo quanto a reflexologia esbarram em limitações: "o ponto de vista explicativo não pode extrair a totalidade do real apenas do jogo de uma combinatória gigantesca" (9). Por isso, a epistemologia explicativa, que os caracterizava, foi substituída por uma epistemologia do fazer, inaugurando o estado positivo da psicologia.

Sob o impacto da obra de Comte, floresceram direções importantes da pesquisa psicológica, tais como o behaviorismo e a Gestalt. Embora pareça existir "um caminho interior na psicologia, que conduz do associacionismo e da reflexologia ao behaviorismo" (10), com a psicologia experimental instaura-se um domínio epistemológico novo, em que os progressos são resultado, inicialmente, de uma dialetização dos conceitos herdados da reflexologia, tais como as noções de arco reflexo, da determinação linear do comportamento

(8) *Ibid.*, p. 67.

(9) *Ibid.*, p. 75.

(10) *Ibid.*, p. 76.

etc. "A originalidade do behaviorismo define-se, pois, por uma renúncia global a um estilo de pensamento explicativo e geométrico (...) à ideologia cartesiana da ciência (...) justapôs-se uma epistemologia nova que encontra sua melhor expressão no positivismo" (11). Para Comte, o critério de cientificidade desloca-se da preocupação com a coerência sistemática para a dimensão do rigor e da certeza. Não são a evidência, nem a clareza, os critérios da verdade, mas a eficácia social, a aptidão em transformar. Aqui, "as matemáticas são a linguagem da ciência e não a verdade do mundo" (12); a dedução garante a coerência do raciocínio, mas não a atuação sobre o real.

Dentro deste horizonte epistemológico, o psicólogo somente garante um estatuto científico para sua disciplina, na medida em que prova a eficácia dos seus métodos de abordagem e ação sobre a realidade.

Fazendo abstração do homem, enquanto sujeito de uma interioridade, enquanto *res cogitans*, a psicologia experimental elaborou o conceito de **comportamento**, com a finalidade de descobrir relações constantes entre a ação do meio (estímulo) e a resposta do organismo (13).

Por sua vez, a Gestalt, apesar de criticar o behaviorismo, é somente uma aplicação mais refinada do conceito básico de comportamento, a qual não contradiz profundamente a epistemologia em que se apóia a psicologia experimental. "O modelo positivista autoriza, com efeito, que se procure estabelecer uma relação entre dados heterogêneos: a existência de um campo físico de estímulos, de um lado e o de uma organização perceptiva, de outro..." (14).

A Gestalt teve, entretanto, o mérito de criticar a simplicidade excessiva do behaviorismo, o qual encarava o comportamento como reação pontual a estímulos.

Gagey refere-se ainda à recente aplicação da cibernética à psicologia como variante do modelo positivo. O estabelecimento de um paralelismo entre as máquinas e o cérebro humano permanece grosseira, uma vez que a regulação e a informação da máquina são extrínsecas a esta. Assim, quando os psicólogos tentam descobrir campos de regulação interna no organismo, pensam-no como máquina aperfeiçoada: o comportamento encarado como

(11) *Ibid.*, p. 77.

(12) *Ibid.*, p. 80.

(13) *Ibid.*, p. 82.

(14) *Ibid.*, p. 84.

resposta informada, não rompe com o modelo epistemológico positivista, embora este conceito seja de elaboração mais refinada que o esquema estímulo-resposta.

A irredutibilidade do psicológico à epistemologia positivista levou alguns estudiosos a buscarem na biologia uma nova inspiração. Não se trata mais de isolar o ser vivo em laboratório, mas de compreendê-lo numa totalidade vital. O ser vivo é encarado na dinâmica do espaço-tempo, e o conceito-chave desta epistemologia é o de **evolução**, o qual implica o estudo de estruturas, formas, funções. A abordagem do real é fundamentalmente compreensiva e pretende evidenciar uma dialética entre a forma e a estrutura. Inscrevem-se no âmbito desta epistemologia os trabalhos da psicofisiologia, a respeito das funções psíquicas; os da psicologia dinâmica, que tratam da noção de tendência, bem como os da psicologia genética, a qual utiliza largamente os conceitos de evolução e de estruturas que se transformam.

A pluralidade das abordagens epistemológicas apresentadas até então não conduzia a nenhuma síntese intelectual. Problemas concretos, que exigiam soluções urgentes, fizeram emergir, por isso, a **epistemologia do padrão**, expressa nos esforços para a introdução de métodos quantitativos na psicologia. A psicometria pertence a este quadro, cujo obstáculo epistemológico essencial reside no próprio critério para o estabelecimento de padrões. A busca desse critério esbarrava numa dificuldade: o que o padrão mede é apenas a pertinência ou não de um indivíduo a um grupo; não é um julgamento de caráter definitivo a respeito do sujeito. O valor deste procedimento é apenas probabilístico e implica uma passagem: do empírico ao científico, do medido ao real — que se apresenta como *sofística*, ou, ao menos, duvidosa.

O estatuto científico da psicologia não se alcança, pois, segundo Gagey, nem pela epistemologia geométrica, nem pela positivista, genética ou do padrão. É preciso buscá-lo na **psicologia do mit-sein**, da qual a *psicanálise* seria a máxima expressão: “No mit-sein, o psicólogo encontra, não seu objeto, mas seu ser, o lugar onde ele se realiza enquanto enzima da relação. Os diferentes eixos da pesquisa que descrevemos, escaionam a tomada de consciência progressiva desta maneira de ser radicalmente original, que chama cada um a substituir o vão esforço para se decifrar (...) pelo esforço verdadeiro e crítico de se fazer com” (15).

(15) *Ibid.*, p. 145.

A epistemologia original, fundada pela psicanálise, compõe-se a partir de diversos modos de pensar. Recorda as abordagens genética e biológica, mas apresenta também um objetivo de ação. Comporta algo da epistemologia geométrica na combinatória da teoria dos complexos, e ressonâncias da **psicologia selvagem** nas inquietações classificatórias das tipologias que propõe. Classificar, compreender e explicar: todos estes vetores epistemológicos estão presentes na psicanálise, a qual, entretanto, não reduz seu horizonte a nenhuma dessas direções. Aos poucos, com a psicanálise, constituiu-se um modelo científico original, cujo núcleo seria o estudo das relações inter-subjetivas: “A descoberta essencial de Freud é pois (...) a da existência de uma relação intersubjetiva pouco clara, mas muito real, subjacente à linguagem (...) Esta descoberta institui, senão um campo novo do saber, no sentido estrito, ao menos um campo específico do existir humano (...) A relação (...) é uma dimensão da experiência humana que Freud isola (...) e da qual permite o controle, pela mesma razão” (16).

Instaurado na experiência vivida, o conhecimento que a psicanálise institui busca seu rigor não na objetivação outro, mas no controle intersubjetivo, de cientista a cientista. O cerne desta epistemologia, o seu conceito-chave, é o **mit-sein** humano, a relação essencial do homem com o meio circundante, com os outros homens, encarada como constitutiva do próprio ser. A tematização das relações do homem com o mundo humano faz ressoar na psicanálise uma implicação política. Não se trata, contudo, para a psicanálise, de atuar diretamente sobre as estruturas alienantes do mundo contemporâneo, mas de evidenciar a dialética instituição-instinto e o substrato psicológico dos conflitos sociais.

O fecho do estudo de Gagey é a questão do papel da psicologia filosófica em face da multiplicidade axial da pesquisa em psicologia. Ou seja: a problemática epistemológica deve decorrer da crise mesma da psicologia, ou constitui uma região metacientífica que hierarquiza e imprime significado à história da psicologia como um todo ?

Em suma: qual o lugar de uma psicologia filosófica frente à diversidade em tensão da psicologia atual ?

A psicologia reflexiva deve constituir-se, para ser eficaz, a partir dos resultados da psicologia positiva. “Nisto se origina um movimento do pensamento circular em que o aprofundamento da consciência que o homem

(16) *Ibid.*, p. 123.

toma a respeito de si, graças à psicologia positiva, oferece infinitamente a essa psicologia a ocasião de se diversificar e retificar" (17).

A **retificação**, categoria básica da epistemologia bachelardiana, é aceita por Gageu como critério da verdade. A ciência não pode pretender uma verdade absoluta, mas infinitas aproximações ao seu objeto de estudo. Estas aproximações por **retificação** e crítica dos modelos epistemológicos que servem de apoio às teorias, impõem uma dialética entre o sujeito cognoscente e o objeto, a qual é condição do desenvolvimento do saber. Adotando esta perspectiva, nosso pensador indica à psicologia filosófica a tarefa de uma retomada dos dados científicos, explicitando suas implicações éticas.

"Um pensamento filosófico está à escuta da psicologia: decifra-se nela, dela se nutre" (18), como uma leitura em segundo grau dos mesmos dados científicos, mediação, na qual se inscreve a busca do ser do homem.

Cabe à psicologia filosófica reconhecer, sob a multiplicidade das pesquisas da psicologia positiva, um destino comum, "para além de toda a diversidade dos encaminhamentos epistemológicos, para além até mesmo de toda cesura entre o científico e o pré-científico"; este destino comum consistiu na obrigação de encontrar a **interioridade** do outro e na determinação gradual deste conceito (19). "Na especificação progressiva desta interioridade do outro, correlativa da minha própria, a psicologia reflexiva encontra sua razão de ser e a psicologia positiva seu critério" (20).

O encontro com o outro não se faz sem obstáculos; a tarefa atual da psicologia científica é inventariá-los; a da psicologia filosófica, consiste em afirmar, para além dos obstáculos, a existência de um destino espiritual, que o homem realiza em comunhão com o mundo.

Os riscos da reificação do outro ou da alienação idealista que negligencia as conquistas efetivas da psicologia científica, são ameaças constantes à realização desse destino. Por isso, Gagey sugere a consideração da dialética essencial entre o pólo científico e o pólo reflexivo da psicologia, como único instrumento capaz de qualificá-los e tornar possível sua mútua colaboração.

A tese de Gagey é polêmica, em muitos sentidos. Podemos indicar alguns: sua redução da Gestalt a uma variante da epistemologia positi-

(17) *Ibid.*, pp. 134 e 135.

(18) *Ibid.*, p. 137.

(19) *Ibid.*, p. 138.

(20) *Ibid.*, p. 139.

vista; a hipervalorização da psicanálise, como o modelo epistemológico mais satisfatório e capaz de indicar um conjunto de aquisições que permite hierarquizar as demais orientações da psicologia.

Entretanto, sua contribuição é inegável: instaura uma abordagem histórico-crítica, que apesar de ter limites e incorreções, talvez abra um horizonte de reflexão e torne possível o diálogo entre o filósofo e o cientista.